

ANTONIO ARENAS e RAFAEL PLAZA

NADAL & FEDERER

A história da rivalidade mais importante do tênis

 Planeta

Tradução

Luciana Bastos Figueiredo

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	7
ONDE NOS CONHECEMOS?.....	11
MEMÓRIAS CONTINUARÃO A EXISTIR.....	13
DE PEITO ABERTO.....	22
NOVOS VOOS.....	29
O RETORNO DOS MAIORES.....	36
NÃO É UM SONHO.....	50
JOGANDO NO PARAÍSO.....	59
ONDE TUDO COMEÇOU.....	69
CASTELOS DE AREIA.....	81
UMA SEMANA MÁGICA.....	96
IMORTAL.....	109
REI DO SAIBRO (I).....	118
REI DO SAIBRO (II).....	130
REI DO SAIBRO (III).....	145
A GRAMA É SUÍÇA.....	151
1 E 2.....	165
O SOM DA VITÓRIA.....	175
PARA TUDO HÁ UMA PRIMEIRA VEZ.....	187
對手.....	201
TODOS PELO 1.....	207
VIDA LONGA AOS MELHORES.....	214
A HISTÓRIA CONTINUA.....	222
EPÍLOGO.....	235
ANEXOS.....	244
AGRADECIMENTOS.....	254

PRÓLOGO

Em 2017, nas viagens que fiz para alguns dos torneios mais importantes do mundo, tive a sorte de testemunhar as atuações de Nadal e Federer que conto neste livro.

Muitos amigos me dizem que viajo demais e que, na minha idade, eu deveria ficar em casa e descansar em vez de pegar aviões e ver partidas de tênis nas diferentes quadras pelo mundo. Os jogadores se surpreendem ao me ver nas cidades. “Manolo, você vai a mais torneios que eu!”, repetem. Mas logo me abraçam com carinho e me dizem que ficam felizes por eu estar ali, apoiando-os nas quadras.

Recentemente, vi Rafa se jogar na piscina do Real Club de Tennis Barcelona depois de vencer o Conde de Godó, render-se ao público de Madri, emocionar-se em Paris, conquistar Nova York pela terceira vez e voltar a ser o número 1 do mundo. E tudo isso em cinco meses! Como se não bastasse, fui premiado com a oportunidade de contemplar a imagem de Federer levantando sua oitava taça em Wimbledon, em Londres.

Então, como não continuar viajando para ver os torneios? Como deixar de assistir a esses momentos? O tênis é a minha paixão, minha vida, e Nadal e Federer são parte importante dela. Por isso, toda vez que eles ganham, acredito que todos ganhamos. Ganha o tênis.

Lembro com perfeição a cara de surpresa de alguns jornalistas quando, no final de 2016, pediram minha opinião sobre Nadal e Federer e eu lhes disse que os dois voltariam ao topo e voltariam a ganhar torneios do Grand Slam. Algo me dizia que eles conquistariam Roland Garros e Wimbledon novamente. Um amigo chegou a me dizer que eu estava louco, que aquilo era impossível. Ele até podia estar certo, pode ser que eu estivesse louco, mas, nestas duas últimas décadas, testemunhei momentos de autêntica loucura nos quais prometi nunca mais duvidar nem de Rafa nem de Roger.

Assistir a Rafa vencer na quadra que tem seu nome em Barcelona foi espetacular. E, logo depois, vê-lo mais uma vez levantar o troféu na Caixa Mágica foi algo tão incrível que ainda me emociona ao lembrar. Como diretor do Mutua Madrid Open, tive a honra de entregar a taça de campeão para Federer em 3 ocasiões, e para Rafa em 5. A de 2017, no entanto, teve um fator emocional muito forte, a meu ver, por tudo o que Rafa havia passado com as lesões. Por isso, sorri de orelha a orelha quando Nadal conquistou seu décimo Roland Garros. Nunca vou me esquecer de que pude compartilhar com ele o momento da comemoração desse título.

Antonio e Rafa, autores deste livro, são dois dos jornalistas que mais viajam pelo circuito. São dois dos grandes profissionais que vi trabalhar nos torneios e acredito que captaram perfeitamente a essência do que Nadal e Federer representam para a história do esporte.

Rafa e Roger não só protagonizaram uma das maiores rivalidades do nosso esporte como conseguiram levar o tênis a uma nova dimensão. Seus encontros em quadra chamaram a atenção de todo o mundo e fizeram com que milhões de pessoas conhecessem o esporte. Sei de muita gente que não gostava tanto assim de tênis e que se transformou em telespectador aficionado graças a Nadal, a Federer ou a ambos. Este é um legado que ficará para sempre. As partidas entre os dois são um dos maiores tesouros do tênis. O que vivi na final de Wimbledon em 2008 é algo simplesmente indescritível, a melhor partida de tênis já disputada, por tudo o que representou a vitória épica de Rafa. Eles mudaram nosso olhar e promoveram uma reviravolta na nossa maneira de enxergar as rivalidades.

Nadal e Federer são exemplos a serem seguidos. Não só pela tremenda qualidade atlética como também pelos valores humanos que levam consigo e pelas virtudes que demonstram dentro e fora de quadra. Uma das coisas que mais admiro em Rafa e em Roger é o profundo respeito que têm pelos jogadores aposentados. Independentemente do carinho e do afeto pessoal que possamos ter por eles, os dois nunca deixam de repetir como fomos importantes para a história do tênis. Este é um detalhe precioso que valorizo muito, principalmente levando em conta que essa atitude parte de dois jogadores que fizeram muito mais que qualquer um de nós possa ter sequer sonhado. São eles que merecem nossos elogios!

Sei o que é ganhar um Grand Slam, o esforço e o sacrifício que exige. Tive a imensa alegria de conquistar 4 na minha carreira e, por isso, acredito que sei valorizar ainda mais o profundo significado de conquistar 10, 15 ou 20.

Os feitos de Nadal e Federer são simplesmente impressionantes.

Para além da rivalidade esportiva que existe entre os dois, Nadal e Federer viveram momentos que os uniram para sempre. E esse vínculo é tão forte que faz com que nos sintamos parte disso. Rafa e Roger compartilharam lágrimas, riram juntos e consolaram um ao outro, parabenizaram-se em todos os momentos e até competiram juntos na mesma equipe!

Sua história é a maior que já foi contada no mundo do tênis. E as páginas deste livro percorrem parte dela.

Espero que gostem.

Manolo Santana





ONDE NOS CONHECEMOS?

Rafa Nadal não lembra exatamente onde viu Roger Federer pela primeira vez, nem Roger Federer lembra onde viu Rafa Nadal pela primeira vez.

A memória é tão poderosa quanto caprichosa, e é normal que os tenistas tenham esquecido esse momento, ao qual, possivelmente, não deram muita importância quando aconteceu.

A maioria das pessoas não tem essa noção – e aí poderíamos incluir ilustres representantes de um forte grupo de especialistas –, mas a verdade é que Nadal e Federer inauguraram sua disputa particular em uma partida de duplas.

Foi em 16 de março de 2004, na segunda rodada do Masters 1000 de Indian Wells. O espanhol fazia dupla com Tommy Robredo, a dupla do suíço era Yves Allegro e a vitória (5/7, 6/4 e 6/3) ficou com Nadal e Robredo, que avançaram para as quartas de final sem se dar conta da importante página que acabava de ser escrita sobre o cimento do Estádio 2 de Indian Wells, na Califórnia.

Em dezembro de 2016, mais de doze anos depois desse primeiro encontro, Rafa e Roger já haviam se enfrentado em 34 partidas individuais (23-11 para o espanhol) e 3 em duplas (2-1 também para Nadal), construindo carreiras inigualáveis e meteóricas.

Mais de uma década após o primeiro enfrentamento entres os dois colossos, o que aconteceu durante a temporada de 2017 provocou uma virada completamente inesperada na rivalidade mais significativa da história do tênis e trouxe de volta a pergunta, em uma clara intenção de entender o presente mergulhando no passado: *Onde nós nos conhecemos, Rafa? Onde nós nos conhecemos, Roger?*

Em algum lugar do mundo, mas isso não tem a menor relevância. O que realmente importa é tudo o que foi vivido para se chegar até aqui.



MEMÓRIAS CONTINUARÃO A EXISTIR...

MANACOR

Sob o sol outonal quente e intenso que sempre acompanha os novembros em Maiorca, Rafa espera por Roger calmamente. Federer está atrasado para o compromisso.

Mais de três meses depois de deixar o circuito devido à operação no joelho esquerdo a que se submeteu para tratar uma ruptura de menisco, Federer está se preparando para fazer sua primeira aparição pública em um evento de tênis. Ele recebeu um convite impossível de ser negado: uma convocação especial e única que gostaria muito de atender. No entanto, seu avião particular, que deve levá-lo de Zurique a Maiorca, não pode decolar ainda. O suíço, contrariando o hábito da pontualidade em seu país, não seria pontual.

Rafa aguarda pacientemente. Após anos de planejamento e trabalho árduo, era hora de mostrar ao mundo a Rafa Nadal Academy, cuja construção havia começado em 3 de novembro de 2014. E Rafa não queria fazer isso sozinho. Ele desejava viver essa data histórica com Roger, a melhor pessoa para representar o legado de uma carreira esportiva tão cheia de sacrifícios e conquistas. É difícil exemplificar tão claramente os cânones do espírito esportivo. E ninguém melhor que Roger para ilustrar e festejar com Rafa uma vida forjada por e pelo tênis. Nadal tinha certeza de que queria Federer ao seu lado. E Federer havia aceitado o convite. Mas estava atrasado.

Por mais de uma década, Rafa e Roger conviveram com os rótulos de *adversários* e *rivals* que ganharam no esporte. Qualidades superlativas que os alçaram ao Olimpo: Nadal e Federer são adversários exemplares,

excelentes rivais e os melhores arqui-inimigos da história do tênis. Mas o evento marcado para 19 de novembro de 2016 não tem nada a ver com confrontos ou rivalidades, e, sim, com companheirismo, generosidade, lealdade e amizade. Com valores e virtudes humanos.

Manacor havia se vestido para o tênis. Não com uma fantasia de ocasião, mas com as roupas e a elegância de quem sabe carregar a essência desse esporte. Mais de 100 personalidades do mundo do tênis haviam desembarcado no aeroporto internacional de Palma de Maiorca-Son Sant Joan, vinham de várias partes do planeta para participar da importante inauguração. Ex-jogadores, executivos das principais organizações do tênis, patrocinadores da academia, políticos da região e mais de 40 jornalistas tinham madrugado para testemunhar esse evento fantástico.

A alta expectativa gerada pela possibilidade de testemunhar o tão esperado evento começou a superar suas próprias barreiras à medida que a espera se prolongava. O suor provocado pelo calor úmido impregnava os paletós e os vestidos dos presentes, mas a multidão reunida na quadra central, cheia de rostos ansiosos e fascinados, não se deixava intimidar por alguns poucos raios de sol.

Para os 130 convidados que já ocupam seus lugares na quadra, o tempo de espera serve para refletir, meditar e conversar sobre os dois personagens que em breve protagonizarão o evento.

Os menos confiantes, talvez os mais céticos e menos crédulos, fizeram-se perguntas legítimas, mas não muito elogiosas e certamente secas: *Será esta a última vez que vemos Nadal e Federer juntos em uma quadra de tênis? Este evento servirá de prefácio ou ponto final para as duas grandes carreiras? Federer nunca esteve parado por tanto tempo, ele será capaz de voltar ao circuito e conviver com as derrotas? Vai se acostumar a não estar entre os 10 melhores do mundo ou a não chegar à segunda semana dos Grand Slams?*

A nostalgia também cerca todos os convidados que alguma vez experimentaram o doce sabor das vitórias desses dois gigantes. Portanto, embora as dúvidas coexistam com a fé, as perguntas são formuladas com um raciocínio muito diferente. *Rafa e Roger serão capazes de voltar a mostrar seu melhor tênis em um futuro próximo? Será que conseguirão conquistar novos títulos da*

ATP? Terão jogo para enfrentar Djokovic e Murray? Chegarão ainda a um Grand Slam? Quartas de final talvez? Semifinais? Por quanto tempo os veremos entre os Top 10?

Enquanto esses dois grupos de pessoas aliviam a espera elucubrando sobre o futuro incerto de Nadal e Federer, há quem contemple o cenário ainda vazio, prevendo um futuro utópico baseado em certezas arraigadas: *Quem sou eu para duvidar do retorno de Nadal e Federer? Eles já não demonstraram a habilidade de se erguer das vicissitudes mais árduas? Os horizontes, sempre difíceis de transpor, também são objeto dos questionamentos desse animado grupo de convidados. No entanto, o tom é resultado das conjecturas mais juvenis e empolgadas: Quantos torneios Federer e Nadal conquistarão em seu retorno? O espanhol e o suíço vão se enfrentar novamente em finais? Veremos logo a briga pela liderança do ranking ATP? Rafa vai ganhar todos os jogos que disputar no saibro? Este será o ano do seu décimo Roland Garros? A soberania de Roger reinará sobre a grama britânica mais uma vez?*

As três perspectivas são igualmente possíveis, todas baseadas em fatos, semelhanças e memórias intercaladas com a realidade de um circuito muito exigente e um futuro incerto. Que amante de tênis seria capaz de prematuramente dar por encerrada a carreira dos dois melhores tenistas da história? Ou quem, em sã consciência, poderia arriscar que dois jogadores castigados pelas lesões estariam disputando a final do primeiro Grand Slam da temporada?

A nostalgia, companheira calorosa dos goles mais amargos, consegue evocar as mais emocionantes lembranças, capazes de unir até os mais incrédulos em um dia tão especial e simbólico. Embora alguns dos presentes tenham convivido diretamente com as carreiras estratosféricas de Rafa e Roger, nem todos os convidados são capazes de dimensionar o legado e a transcendência de suas vidas esportivas. As crianças, os jovens jogadores da academia, não têm memória suficiente para lembrar os primeiros embates de Nadal e Federer em Miami ou o primeiro duelo nas semifinais de Roland Garros. Eles nem mesmo poderão resgatar de seu hipocampo – a parte do cérebro que armazena nossas memórias mais antigas – o grandioso combate de gladiadores que os dois protagonizaram na primeira

vez no Foro Italico. E não se pode culpar esses jovens, porque esta final de 2006, a mais longa que eles jogaram, aconteceu mais de uma década atrás, quando essas crianças tinham pouca noção do que era uma raquete ou sequer imaginavam que um dia, adolescentes, estariam na “casa” de Nadal para treinarem e se tornarem tenistas. Mas, graças ao YouTube, essa chama capaz de inflamar e reacender momentos que pareciam apagados pelo tempo, certamente elas tiveram a chance de ver Nadal deitado no grama da quadra central do All England Tennis Club depois de vencer Federer no nono *game* do quinto *set* da final de Wimbledon, em 2008. Ou se emocionarem com as lágrimas desconsoladas do suíço depois da derrota em Melbourne, em um dos encontros mais amargos entre os dois. Alguns ainda têm brasas em suas fogueiras, que no passado foram acesas por esses dois incendiários das jogadas. E as brasas daquele fogo original começam a esquentar novamente no início do evento.

Então, entre o emaranhado de pensamentos e os ventos da perfeição, o tempo para novamente.

Os convidados se animam no mesmo instante em que o início do evento é anunciado. Michael Robinson toma a palavra como mestre de cerimônias para dar boas-vindas aos jovens jogadores que compõem a primeira turma da Rafa Nadal Academy by Movistar. As crianças, nervosas e sorrindo, desfilam sob aplausos na quadra central lotada e se dirigem para ocupar as arquibancadas. Alguns tropeçam nos cabos do sistema de som, logo ouvindo piadas dos colegas. Estão conscientes de que hoje são a banda de abertura do show dos dois grandes roqueiros do tênis mundial.

Vestindo terno e uma camisa xadrez azul e branca, a figura inconfundível de Roger Federer emerge do túnel dos vestiários. Sua postura, sua elegância natural e o olhar intenso não parecem ter mudado ao longo dos anos. Rafa, vestindo um terno Tommy Hilfiger e uma camisa branca, age como um anfitrião acolhedor e não sai do lado.

“Estou prestes a falar pela primeira vez desde que me lesionei”, começa o suíço. “E tenho que dizer que nesse meio-tempo aconteceram coisas muito simples: aproveitei minha casa, fiquei com a minha família, os treinos têm ido bem...”.

Neste momento, Federer faz uma pausa para fixar seu olhar em Nadal.

“Mas, honestamente, não sei como vai ser meu retorno às quadras”, continua, reflexivo. “Você fez isso um milhão de vezes, por isso vou me inspirar em você e na sua facilidade de voltar a jogar.”

“Não foi tão fácil!”, interrompe Rafa, rindo.

“Bom, mas você fez parecer fácil. Sei que não foi simples, mas toda vez que você retornou depois de uma lesão, voltou a ser top 10, top 5 e até o número 1 do mundo. E isso é algo que vou levar de exemplo quando voltar ao circuito em janeiro.”

O discurso suave e amável de Roger tem a mesma simplicidade e elegância com que ele bate a bola, é de uma estética natural, nada falsa, que conquista os convidados.

“Quando nos encontramos na Índia, no ano passado, você me falou sobre o projeto da academia na sua cidade natal que estava se transformando em realidade com a ajuda da sua família e de seus amigos. Achei uma ideia fantástica, mas reconheço que eu não tinha ideia de como seria. Eu disse: ‘Se você precisar que eu vá lá, ficarei muito feliz em ir’.”, prossegue o tenista suíço. “Lembro que comentei com a Mirka, minha esposa, que, se eu tivesse uma academia, adoraria que o Rafa, meu grande rival, um dia me ligasse e me dissesse que queria visitar o lugar, jogar comigo ou coisa assim. Acontece que eu não tenho uma academia! Então, pensei em ligar para o Rafa e me oferecer para ir até a sua um dia, mas eu tinha certeza de que ele me agradecerá, diria para eu não me preocupar, que minha ida não era necessária. E fiquei sem ter notícias da academia durante meses. Pensei: ‘Bom, tudo vai dar certo’. Então, lembro que você me pediu para gravar um vídeo em Mônaco e aproveitei para lembrar para toda a sua equipe que minha oferta ainda estava de pé e que eu ficaria muito feliz em ir à academia um dia. Naquele momento, era eu quem estava querendo fazer a visita! Fiquei sabendo que teria mais de 20 quadras, um hotel, um museu e pensei: ‘Meu Deus, não posso perder isso!’.”

Como se fosse uma final de Wimbledon, o silêncio é absoluto e só se ouve a voz de Federer. Com seu discurso, o suíço havia conseguido hipnotizar um público acostumado a ser enfeitado por suas direitas e seus voleios, não por suas palavras.

“E, finalmente, você me ligou e me pediu para vir em outubro! Eu disse que seria perfeito, porque eu estaria com muito tempo livre. Estou

muito feliz por estar aqui hoje e gostaria que você soubesse disso. Muito obrigado pelo convite. Tenho certeza de que será uma ótima academia, e quero deixar claro que já sei para onde vou mandar meus filhos se quiserem jogar tênis algum dia”, conclui o suíço.

Enquanto as 150 pessoas aplaudiam as palavras de Roger, as conclusões dos presentes pareciam unânimes. As frases do ex-número 1 do mundo não eram bajulação, mas sim, o reflexo de uma profunda admiração pelo rival e amigo e a consequência de ter ficado impressionado com as instalações da Rafa Nadal Academy. Federer também teve tempo de saber mais sobre o trabalho acadêmico e de formação conduzido por uma equipe técnica e pela diretoria – liderada por Rafa – que ele conhecia muito bem. E ficou claro que seu encantamento era autêntico e verdadeiro.

Após o discurso de Roger, é a vez de Rafa. O anfitrião levanta da cadeira e tira do paletó algumas folhas que usa como roteiro para os primeiros agradecimentos. No entanto, as páginas desaparecem quando Rafa se vira para Federer para dizer algumas palavras improvisadas, de peito aberto. De campeão para campeão. De lenda para lenda. Sem papéis entre eles.

“Quero expressar os meus sentimentos mais verdadeiros sobre o que significa você estar aqui em Manacor me apoiando neste momento tão especial para mim, para a equipe, para a minha família, para a cidade e para a primeira turma de jogadores da academia”, começa Rafa. “Temos compartilhado muitos momentos importantes ao longo de nossas carreiras e sempre mantendo uma relação de amizade muito boa. Demos tudo nas quadras e lutamos para conquistar as metas mais importantes que um tenista pode alcançar. Sempre agimos com espírito esportivo e acho que isso é algo de que devemos nos orgulhar. Quero agradecer por tudo o que você fez no mundo do tênis, e tenho certeza de que, nesses momentos, quando as coisas não estão fáceis por causa das lesões, você transparece uma imagem que, espero, seja um grande exemplo para as novas gerações de crianças daqui e do mundo que querem ser tenistas e, o mais importante, que querem ser boas pessoas. Você é um exemplo para elas. É verdade que você se ofereceu para vir e apoiar a academia”, continua Rafa, respondendo às palavras de Roger, “mas naquela época senti que não queria incomodar ninguém, foi

isso. E menos ainda alguém como você, que tem uma agenda cheia. Você estar aqui significa muito para mim, por isso quero agradecer novamente.”

A cumplicidade entre Rafa e Roger é total, despida de qualquer vaidade ou protagonismo. E ambos continuam a abrir o coração para os presentes.

“A mídia me pergunta muito sobre o futuro – ainda mais agora! –, e sobre como me vejo daqui a alguns anos, quando eu parar de jogar tênis”, Nadal segue falando. “Hoje eu me vejo jogando tênis! Confio e acredito que ainda tenho muitos anos no circuito, mas a realidade é que existe um futuro. E isto faz parte do meu futuro. Sou uma pessoa que sempre fez tudo com paixão e o esporte é minha verdadeira paixão. Há muitos anos eu viajo o mundo e o que eu sonhava era criar algo especial aqui em Manacor, onde vivi toda a minha vida. Por isso esta academia e centro de esportes é um sonho realizado. Esperamos que as crianças presentes desfrutem de todas as instalações e deem o melhor de si. O que podemos dizer é que faremos tudo que estiver ao nosso alcance para transformar esse lugar em um sucesso profissional e também social. Não existe satisfação maior para nós do que ver a felicidade e testemunhar o aprendizado das crianças que vêm para cá. Não só em relação ao tênis, mas também em relação aos estudos e ao seu desenvolvimento pessoal. Nosso principal objetivo é que os jovens que passem por aqui saiam formados e preparados para encarar o futuro com algumas garantias, seja no mundo do tênis ou no meio profissional ao qual decidirem se dedicar. Este é nosso grande objetivo e nosso grande desafio”, finaliza Rafa.

Os dois jogadores se emocionam quando Rafa anuncia que quer dar uma lembrança para Roger. O presente é um quadro com imagens da rivalidade histórica entre os dois jogadores: 34 fotos e datas que ilustram as partidas disputadas até então. Das oitavas de final do Miami Open, em 2004, ao confronto na final da Basileia, em 2015. Ambos os jogadores contemplam o quadro detalhadamente, apontando para algumas das situações mais emocionantes. Embora o saldo de vitórias esteja desequilibrado – 23 para Nadal e apenas 11 para Federer –, os dois atletas não analisam uma miscelânea de imagens com vencedores e perdedores. Rafa e Roger observam uma história única, uma rivalidade costurada à base do suor e do heroísmo e da qual ambos são protagonistas. A maioria dos

instantes retratam ou o cumprimento inicial dos jogos ou os parabéns pós-duelos. Sem grande alarde, mas com respeito e olhares de grande admiração mútua. Uma colagem feita para a posteridade. Então, Roger decide ler as palavras que, em sua própria caligrafia, Rafa escreveu no canto inferior do quadro:

Querido Roger,

Muito obrigado pelo apoio na abertura oficial da minha academia. Hoje é um dia inesquecível para mim, minha família e minha equipe. Você não pode imaginar como é especial tê-lo aqui conosco. Roger, este quadro reflete todos os momentos que compartilhamos em quadra. Eu vejo e revejo todas as grandes memórias que criamos em nossa carreira. Elas continuarão a existir...

Roger olha para Rafa, que devolve o olhar. Eles se abraçam. Federer sabia do profundo significado que aquelas frases tinham naquele contexto. Para o presente de ambos, para um passado indelével e, acima de tudo, para o futuro. Aquelas frases eram uma dedicatória especial, única e cheia de otimismo.

Quando Platão adquiriu os jardins de Academo, nos arredores de Atenas, por 3 mil dracmas, a fim de fazer longas caminhadas e poder filosofar, provavelmente não estava ciente da repercussão histórica semeada pelos temas estudados ali. A propriedade, que acabaria se tornando uma escola, foi a semente do que hoje conhecemos como academia.

É provável que Rafa não conhecesse a história de Academo nem o papel deste lendário herói da mitologia grega no episódio em que Teseu resgata Helena. Talvez, Rafa não conhecesse a fundo os ensinamentos de Platão ou a grande influência que sua Academia teve no desenvolvimento da filosofia grega, da ética, da política e da epistemologia. No fim das contas, e guardadas as devidas proporções, as bases estabelecidas pela equipe de Rafa não estão muito longe daquelas do filósofo ateniense, cujo objetivo era trabalhar para o futuro em sua área de conhecimento e encorajar o surgimento de novos herdeiros dos seus ensinamentos. Da Academia ateniense veio Aristóteles, o melhor aluno de Platão, e sua influência e legado foram

essenciais para definir as bases da história intelectual do Ocidente. Nadal já estava em busca de seus futuros Aristóteles em Manacor.

Roger estava afastado das competições por causa de duas penosas lesões, e Rafa mostrou a ele o futuro, o seu futuro. Um legado na forma de uma academia que servirá para perpetuar seu nome entre as novas gerações de tenistas. Um terreno fértil para a formação de bons tenistas e ótimas pessoas. Um lugar que emana esforço, responsabilidade, humildade e perseverança. Essas eram, afinal, as virtudes de Rafa... E as virtudes de Roger.

O dia ainda não havia acabado. O espanhol e o suíço tinham diante de si um misto de sensações para desvendar. A partida em Manacor estava apenas começando.

